



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Marcos Suel dos Santos

Universidade Federal de Alagoas

orcid.org/0000-0001-6928-8952

markus-christie@uol.com.br

Maria Inez Matoso Sibreira

Universidade Federal de Alagoas

orcid.org/0000-0002-2776-150X

mimatoso@uol.com.br

Leitura em voz alta e protocolos verbais: uma análise dos elementos não verbais no contexto da sala de aula

Resumo: Neste texto, discutem-se os efeitos dos protocolos verbais da leitura em voz alta em associação aos elementos não verbais, sob o viés das categorias paralinguagem, cinésica e proxêmica, que contribuem para a compreensão leitora. Para isso, busca-se verificar em que medida os elementos não verbais e os protocolos verbais contribuem para a compreensão da leitura em voz alta. Desse modo, o trabalho dialoga com a Cognição (processamento da leitura), a Linguística Textual (formulação das perguntas acerca do texto) e a Análise da Conversação (elementos não verbais), em termos teóricos e, consequentemente, fornecem subsídios para as análises dos fragmentos selecionados. Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que considera o processo de interpretação dos dados coletados. Os resultados evidenciaram que os protocolos verbais em associação com os elementos não verbais foram essenciais à compreensão do texto, visto que as perguntas direcionaram os informantes a pensarem sobre o texto, enquanto os gestos e expressões faciais e corporais permitiam ao pesquisador observar possíveis dificuldades ou contradições nas falas dos informantes.

Palavras-chave: Elementos não verbais; Leitura em voz alta; Protocolos de leitura.

INTRODUÇÃO



A leitura em voz alta é uma prática de leitura que demanda diferentes estratégias para que sua realização seja efetiva tanto para quem lê como para quem a ouve. Para essa prática de leitura, a voz é o elemento essencial, uma vez que dá forma e corpo à leitura. Além disso, esse tipo de leitura demanda, da parte de quem lê, expressividade e desenvoltura no uso dos elementos linguísticos e paralinguísticos, já que as palavras, ao serem pronunciadas, precisam ser sentidas pelo ouvinte, e, de certa forma, ter a identidade do leitor. É no jogo das linguagens verbal e não verbal que o leitor busca, mesmo que inconscientemente, se emocionar e, assim, emocionar o seu leitor.

Nessa perspectiva, a leitura em voz alta aproxima, por meio do texto, o leitor e o ouvinte, mantendo-os numa relação de intimidade, pois um empresta a voz para o outro, que empresta seus ouvidos para aquele, numa relação também de cumplicidade. Desse modo, a compreensão advinda dessa prática depende de ambos. Por outro lado, a leitura pode ter trazido excelente prosódia, mas se o ouvinte não tiver conhecimentos prévios sobre o tema, ela não lhe será significativa. Por outro lado, se o ouvinte detiver esses conhecimentos, mas se o leitor não for fluente, provavelmente a compreensão será prejudicada.

À medida que lê em voz alta, o leitor centra sua atenção em vários elementos do texto, porque direciona seu olhar não só para a decodificação das palavras, mas também se preocupa com a progressão e a organização do texto, em termos de pontuação e de palavras novas que podem vir a surgir. Isso implica o uso de procedimentos e estratégias e que auxiliam o leitor a compreender melhor o texto, a partir dessa prática leitora. Dentre elas, está o protocolo verbal, um procedimento que visa ao engajamento do leitor com o texto, sob a mediação, em sala de aula, do professor.

Dos protocolos verbais, por se tratar de uma conversação face a face, observa-se que os elementos linguísticos, muitas vezes, são insuficientes para a compreensão do texto, pois os elementos paralinguísticos fornecem ao leitor e ao ouvinte condições comunicativas próprias da linguagem oral, como gestos, entonação da voz, expressões faciais, corporais, risos e sorrisos, pausas, dentre tantos outros.



À vista disso, este trabalho objetiva verificar a presença dos elementos não verbais, por meio das categorias paralinguagem, cinésica e proxêmica, e sua contribuição para a leitura em voz alta, sob intervenção dos protocolos verbais. Com isso, busca-se responder à seguinte questão: em que medida os elementos não verbais e os protocolos verbais contribuem para a compreensão da leitura em voz alta?

Para analisar os fragmentos, os fundamentos teóricos reportam à Linguística Textual, na concepção sociocognitiva, para a análise do texto, cujas questões de compreensão relacionam-se às habilidades do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), no que se refere ao eixo leitura. Quanto aos aspectos não verbais, a Análise da Conversação embasa as análises nas categorias da paralinguagem, cinésica e proxêmica. Além da Linguística Textual, recorre-se aos aspectos cognitivos para fundamentar os estudos sobre o processamento da leitura e a prática da leitura em voz alta.

7

Por fim, este trabalho apresenta uma proposta que dá condições possíveis de trabalhar a leitura em voz alta em sala de aula, considerando as categorias que estruturam a comunicação oral, a partir do procedimento do protocolo verbal, favorecendo, assim, a dimensão do entendimento do texto.

O ATO DE LER E A LEITURA EM VOZ ALTA

A leitura é eminentemente um ato pessoal, carregada de sensações e sentimentos os mais diversos. É um encontro de intimidade entre o leitor e o texto, proveniente de uma relação, geralmente distante, entre o leitor e o autor. Entretanto, à efetivação desse encontro, processos cognitivos, linguísticos e paralinguísticos são mobilizados para o entendimento do texto lido, a partir de estratégias, práticas e procedimentos de leitura que concorrem aos objetivos pretendidos pelo leitor a cada atividade leitora.

À medida que lê, o leitor esboça diferentes reações independentemente da prática de leitura utilizada. Claro que há práticas em que as suas reações físicas são mais visíveis, como a leitura em voz alta, o que contribui para o engajamento e a situacionalidade do ouvinte em relação ao texto. Devido ao seu caráter

mentalístico, a leitura constitui-se não só de processamentos cognitivos e afetivos, mas principalmente de subjetividades, visto não haver desvinculamento dos pensamentos, das experiências e dos conhecimentos do leitor durante a leitura, pois desses aspectos dependem os sentidos que ele constrói para atribuir ao que lê.



Nesse sentido, a leitura em voz alta é uma prática que perpassa diferentes níveis de leitura, se considerarmos que sensorialmente utiliza a visão e a audição, sob a mediação da voz que, segundo Zumthor (2005, p. 63), “se coloca como uma presença”. Assim, é também fundamental para que o leitor se emocione e emocione o seu ouvinte, possibilitando-lhes acessar experiências guardadas na memória, além de fazê-los refletir sobre o tópico discursivo presente no texto. Ao utilizar-se da voz para emitir sua leitura, o leitor torna-se responsável pela compreensão eficiente ou ineficiente do ouvinte.

A leitura em voz alta na sala de aula pode ser realizada pelo professor ou pelo aluno. Quando pelo professor, tem como função contribuir na formação do leitor, favorecendo uma compreensão mais eficiente, sobretudo, quando o aluno não lê habilmente, favorecendo, pela audição, o acesso à estrutura e à compreensão do texto, à linguagem presente em diferentes gêneros textuais. Para o aluno, a leitura em voz alta é um procedimento importante para compreender o texto. Recentemente, um estudo de Oliveira e Araújo (2019) evidenciou que a leitura em voz alta é fator necessário para o entendimento e o engajamento do texto.

A prática da leitura em voz alta é um importante recurso para o entendimento do texto, visto a aproximação entre leitor e ouvinte no compartilhamento de um mesmo texto, de modo a construírem uma interpretação mediada pela voz. A isso, Bajard (2014a) denomina de exercício de convivialidade, uma forma de sociabilidade, pois quando uma pessoa não sabe ler, alguém pode fazê-lo por ela.

A compreensão do texto a partir da leitura em voz alta depende da expressividade dada à leitura, da relação do leitor com o texto e dos conhecimentos que o primeiro tem sobre o segundo. Conforme Oliveira e Araújo (2019), há na leitura em voz alta um



engajamento maior dos alunos, assim como uma menor quantidade de dúvidas nas discussões orais sobre o texto, do que na leitura silenciosa, já que os questionamentos foram essenciais ao entendimento do texto.

A partir da expressividade, o leitor utiliza-se de elementos não somente linguísticos para compreender o texto e levar o ouvinte a também compreendê-lo, mas também de elementos paralinguísticos (olhar, gestos, expressões faciais e corporais, entonação da voz) ao transmiti-lo vocalmente. Bajard (2014b) chama esses elementos de "gestos" da transmissão vocal, pois aparecem regularmente na leitura em voz alta. São eles: a extração do texto pelos olhos, a emissão vocal, o olhar endereçado ao ouvinte e a exposição do livro ao público. Os dois primeiros reportam-se à língua, enquanto os dois últimos remetem a linguagens corporais.

A extração de um trecho ou resgate ocorre rapidamente por meio da exploração visual, ou seja, é o contato visual antes de ser emitido pela voz. Já o olhar é essencial na leitura em voz alta, uma vez que aproxima leitor e ouvinte, pois

9

o mediador que não usa o *olhar* não aproveita plenamente a comunicação 'ao vivo'. Ele se ausenta da transmissão, como acontece no rádio. Ao contrário, o locutor que conhece o texto de cor, por estar liberado do *resgate*, dedica plenamente o *olhar* e a *gestualidade* à comunicação (BAJARD, 2014b, p. 57, grifos do autor).

Por fim, a exposição do livro ocorre tanto pela materialidade gráfica quanto pela sonora, pois, por intermédio da voz, o leitor revela o texto escrito, expondo-o ao ouvinte. Esses elementos corporificam a leitura em voz alta e contribuem para a compreensão do texto lido, não só pelo leitor, que concentra sua atenção na decodificação automática (extração e emissão das palavras), mas pelo ouvinte, que escuta e avalia a leitura.

OS ELEMENTOS NÃO VERBAIS NOS PROTOCOLOS VERBAIS

Consideramos que o procedimento dos protocolos verbais configura um tipo de conversação na qual aluno e professor interagem face a face, podendo ocorrer em turnos simétricos ou assimétricos, dependendo dos objetivos e das intervenções do professor. Os elementos não verbais que se apresentam nas falas dos alunos são



fundamentais para revelar sentimentos em relação ao texto e com isso pode demonstrar seu engajamento sobre o conteúdo abordado. Além disso, os não verbais permitem explicar as marcas prosódicas, os movimentos corporais, os gestos, as expressões fisionômicas, o comportamento ocular e a postura que o leitor empreende durante os turnos de fala.

Santos (2004) observa que os estudos dos não verbais têm sido comumente tratados como uma cisão com os verbais. Entretanto, a autora adota uma posição contrária, pois os elementos verbais e não verbais integram um *continuum*, visto que "há conversações que dispensam os elementos não-linguísticos ou que se efetivam com a recorrência a eles. Fortifica-se a interação em sala de aula, quando professor e alunos fazem um uso adequado dos elementos não-verbais" (SANTOS, 2004, p. 39).

Oliveira (2012, p. 148) acrescenta que "sendo os elementos não verbais e verbais considerados uma *unidade linguístico-não verbal*, eles melhoram as condições de sentido em sala de aula, permitindo haver uma melhor negociação interativa entre professor e alunos". É nessa negociação interativa que os sentidos do texto vão sendo construídos a partir da intervenção com os protocolos verbais.

Com os protocolos verbais, o professor oferece ao aluno alguns subsídios, isto é, perguntas, orientações e encaminhamentos, tendo por base habilidades de leitura consideradas relevantes pelo professor naquela situação investigativa e interativo-discursiva. As respostas dadas a essas habilidades podem vir seguidas de um sorriso, de uma expressão de espanto, de movimentação de mãos, de afirmação ou negação com a cabeça, dentre outras, que ampliem no professor o entendimento de sua intervenção e revelem as estratégias adotadas na compreensão leitora pelo aluno.

Por meio da permanente interação entre professor e aluno em sala de aula e com o objetivo de entender como se dá o processo de comunicação dos não verbais na enunciação, Knapp e Hall (1999) propõem algumas questões fundamentais que contribuem para a compreensão dos não

verbais nas relações interpessoais cotidianamente. São elas: "o que é comunicação não-verbal? Por que é importante



compreender esse tipo de comportamento humano? Como funciona o comportamento não-verbal em relação ao comportamento verbal? Como a comunicação não-verbal afeta o nosso dia-a-dia? (KNAPP; HALL, 1999, p 13).

Com base em Oliveira (2012) e em Knapp e Hall (1999), os não verbais se diferenciam dos verbais porque se apresentam diferentes no plano comunicativo, contudo o termo torna-se menos preciso quando tem seus aspectos não verbais estudados em profundidade. Assim sendo, Knapp e Hall (1999, p. 48) defendem teoricamente que o termo em discussão se define como “todos os eventos da comunicação humana que transcendem as palavras escritas ou faladas”. Isso pressupõe que os estudos dos não verbais não dispensam os verbais, sendo, pois, inseparáveis.

Na esfera da comunicação humana, interagir é uma atividade essencial, quer seja por meio de elementos verbais, quer seja por meio de elementos não verbais. A interação tanto nos textos orais, quanto nos textos escritos que serão lidos revela, muitas vezes inconscientemente, traços que corroboram ou contradizem com o que foi dito. Ou seja, durante uma leitura, por exemplo, o leitor lê uma passagem do texto, mas sua expressão facial, seus gestos podem conduzir o ouvinte a uma outra compreensão leitora, que não a que vinha construindo, havendo, pois, traços atrativos no comportamento do leitor. Nesse sentido, Ferreiro (2005, p. 5), ao parafrasear Kerbrat-Orecchioni (1992), diz que a linguista francesa “evidencia a importância dos elementos não-verbais para a leitura e interpretação dos verbais, já que a sua interpretação esclarece, explica e complementa as mensagens fornecidas pela linguagem verbal”.

Rector e Trinta (1985) apresentam uma estrutura da comunicação dos não verbais: a paralinguagem, a cinésica e a proxêmica. A paralinguagem configura-se como uma atividade de comunicação não verbal que se associa ao comportamento verbal numa atividade conversacional. De acordo com Santos (2004, p. 30), a paralinguagem estuda “as entonações ascendentes e descendentes, as pausas, que podem ser preenchidas (humm) e não preenchidas (o silêncio é representado pelas reticências), o riso e o olhar”. Assim, esta categoria reporta-

se a uma série de atividades extralinguísticas, que a ela estão associadas, pois a acompanham.

A cinésica é a categoria que trata das análises dos gestos e movimentos corporais que transmitem informações numa atividade conversacional. Assim, ela estuda, segundo Knapp e Hall (1999, p. 26), "gestos, movimentos do corpo (membros, mãos, cabeça, pés e pernas), expressões faciais (sorrisos), comportamento ocular (a direção e duração do olhar, o piscar e a dilatação da pupila) e a postura". Com isso, toda expressão corporal e gestual implica a significação no contexto em que se apresenta, pois "podemos dizer que a posição do corpo nas conversações, sobretudo as assimétricas, têm uma leitura relativa ao lugar que os sujeitos ocupam na esfera social [...]" (SANTOS, 2004, p. 31).

Quanto à proxêmica, relaciona-se ao estudo do espaço (distância) entre os interlocutores numa interação face a face. De acordo com Santos (2004, p. 31-32), "numa conversação, a distância entre os interlocutores é um elemento indicativo das relações comunicativas entre eles, diferenciando-se de acordo com os objetivos firmados nessa conversação". Como exemplo, a autora discorre sobre a distância social e a distância individual entre professor e alunos em sala de aula. No primeiro, o professor mantém certa distância dos alunos, permanecendo numa posição de autoridade, adotando uma imobilidade corporal; no segundo, ao circular na sala, em meio aos alunos, o professor se aproxima, interage e compartilha dos olhares dos alunos.

Essas categorias tornam a comunicação mais compreensível, pois os interlocutores ampliam, por meio das entonações, gestos, expressões corporais e distância, a construção de sentidos na instauração da interação face a face. Neste trabalho, foram escolhidas as três categorias para as análises dos não verbais na interação face a face entre pesquisador e alunos. Para isso, os protocolos verbais, enquanto gênero textual, concebem à comunicação elementos não verbais que merecem ser estudados a fim de verificar a contribuição desse procedimento na compreensão leitora.





A leitura implica a automatização dos processos de decodificação, a atribuição de sentidos por meio da interação com o texto e o acionamento de processos mentais mais sofisticados, numa dimensão mais complexa, como as operações inferenciais e intertextuais, por exemplo. Entretanto, as operações que ocorrem na leitura requerem a utilização de atividades sistematizadas que envolvam estratégias, técnicas ou procedimentos de leitura por meio da mediação do professor, de modo a desenvolver no aluno a compreensão leitora.

Para isso, o professor pode valer-se de procedimentos que verifiquem os níveis de compreensão leitora dos alunos, apropriando-se dos resultados, avaliando e analisando a situação geradora das dificuldades e, conseqüentemente, intervir no processo de ensino da leitura e da compreensão leitora na sala de aula. Dentre os procedimentos, os protocolos verbais constituem-se uma importante ferramenta de pesquisa, cuja finalidade é avaliar e investigar aquilo que é pensado e exteriorizado pelo aluno, ou seja, o que ele entende e como entende o texto na leitura.

13

Tomitch (2007, p. 42) observa que “na área da leitura, os protocolos verbais têm sido utilizados para investigar diferentes processos cognitivos, tais como as inferências produzidas pelo leitor na construção da representação mental do texto [...]”. Apesar de sua relevante contribuição para a investigação dos processos de leitura, parece haver pouca divulgação desse procedimento nos cursos de formação inicial de professores e nas formações continuadas. Entretanto, há muitos estudos e pesquisas nos cursos de pós-graduação nas áreas de educação e linguagem, conforme verificam Silva, Morais e Silveira (2016).

Segundo Magalhães e Machado (2012), os protocolos verbais são provenientes da teoria de solução de problemas, desenvolvida por Newell e Simon, a partir de 1957. Com esse procedimento, “o pesquisador pede ao sujeito que pense alto enquanto se desincumbe de uma tarefa” (MAGALHÃES; MACHADO, 2012, p. 47). Nesse sentido, buscava-se verificar de que forma esse sujeito pensava alto, tendo como base uma atividade lógica. Para isso, as gravações e transcrições das primeiras fitas ocorreram em 1957.



Os protocolos verbais como instrumento de avaliação e verificação de leitura do aluno tornam-se necessários, visto a sua iminente devolutiva ao revelar as dificuldades e/ou os avanços dos processos cognitivos da leitura de forma imediata, durante a mediação do professor, além de mostrar como se dá o processamento das informações na mente do aluno, durante ou após a leitura, esta sendo por meio da prática silenciosa ou em voz alta. Os protocolos verbais são de natureza oral, ou seja, independentemente da prática de leitura utilizada, eles devem ocorrer sempre por meio da fala, da comunicação oral, em voz alta, pois consoante Leffa (1996, p. 80-81), "a análise de protocolos, aplicada à leitura, consiste essencialmente numa entrevista feita com o leitor, na gravação das respostas dadas e análise detalhada dessas respostas. O objetivo é descrever as estratégias usadas pelo leitor na sua interação com o texto escrito".

Por se tratar de uma ferramenta que implica o oral, a comunicação em voz alta, os protocolos verbais ainda fornecem ao ouvinte, ao professor, outros elementos, além dos linguísticos, ou seja, os recursos paralinguísticos: gestos, movimentos, pausas, repetições, dentre outros, necessários à compreensão do texto. Ao esboçar as reações gesto-visuais, o aluno possibilita ao ouvinte, ou seja, ao professor, clarear alguns pontos que somente na leitura ou na fala estavam, de alguma forma, obscuros à compreensão textual. Se a ideia é falar sobre suas estratégias de leitura, não há como dispensar a importância dos paralinguísticos para a construção de sentidos do texto para o ouvinte, para o professor.

14

Tipos de protocolos verbais

Com base nos estudos de Cohen (1987), Tomitch (2007) e Dias (2013) concordam haver três tipos de protocolos verbais: o autorrelatório, a auto-observação e a autorrevelação. Esses protocolos são usados para verificar as estratégias de leitura utilizadas pelos alunos-leitores.

O autorrelatório é um instrumento que tem como função descrever a postura comportamental do aluno na leitura de textos, evidenciando seu modo de agir durante uma situação qualquer de leitura. Esse instrumento, segundo Tomitch (2007), pode



ser utilizado em duas situações: para avaliar os hábitos de leitura, assim como a percepção subjetiva do aluno sobre a leitura; para coletar dados, de forma, diagnóstica, no início das aulas, de modo ainda que essa situação permite ao professor elaborar um plano de leitura que atenda às necessidades e aos interesses dos alunos.

Concernente à auto-observação, "refere-se à descrição que o leitor faz de uma situação específica de leitura que acabou de fazer" (TOMITCH, 2007, p. 43). Nesse instrumento, o foco principal de verificação é a percepção do leitor em relação às estratégias que ele desenvolveu em seu próprio processo de compreensão leitora numa situação específica de leitura, visto que os dados sobre a leitura já não estão na memória de trabalho do leitor. Esse tipo de protocolo verbal é também chamado de retrospectiva ou verbalização retrospectiva.

Na autorrevelação, também chamada de verbalização co-ocorrente ou concorrente, o leitor utiliza-se de estratégias no momento em que lê, o que difere dos dois últimos protocolos verbais. Na autorrevelação, a concomitância é elemento imprescindível, pois as informações ainda estão na memória de trabalho do leitor, tornando o acesso às informações mais fidedignas. Segundo Dias (2013, p. 51), "essa última modalidade parece ser a que permite uma maior probabilidade de acesso ao que possivelmente ocorre na mente do leitor durante a leitura, isto é, o processo de leitura".

15

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tecidas as considerações teóricas que embasam este texto, apresentar o delineamento teórico-metodológico que contribuiu para a coleta, a interpretação, a análise e a apresentação dos dados e dos resultados torna-se necessário para a compreensão do processo investigativo. Nesse sentido, adotou-se a pesquisa qualitativa, uma vez que visa à interpretação dos dados em processo e não como um produto final. A pesquisa qualitativa, segundo Moreira e Caleffe (2008, p. 73), "explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição, gravação".



Em vista disso, a leitura em voz alta sinaliza concepções da Linguística Textual, quando enviesada por meio dos protocolos verbais, considerando a relação sociointeracionista da linguagem entre os interlocutores (pesquisador e alunos). As questões configurativas dos protocolos relacionam-se às habilidades de leitura propostas pelas matrizes de referências do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), que avalia alunos no eixo leitura, a partir da compreensão de textos. A abordagem cognitiva da leitura está presente em todo o processo das leituras realizadas pelos alunos uma vez que, para isso, entraram em cena aspectos mentais, visuais, operações cognitivas e metacognitivas.

Em interface a essas concepções está a Análise da Conversação, que contribuiu com as categorias referentes aos elementos paralinguísticos presentes na linguagem oral no ato dos protocolos verbais, pois, por meio deles, pode-se verificar a importância dos não verbais na construção de sentidos do texto em conjunto com os conhecimentos prévios do leitor.

Especificamente, os dados apresentados partiram, em princípio, das leituras dos fichamentos dos textos lidos e que serviram de base teórica para a fundamentação do texto e posteriormente as gravações dos informantes lendo o miniconto "O retorno do Patinho Feio". A escolha desse texto/gênero deu-se por ser um exemplar curto, de fácil acessibilidade aos informantes em termos de leitura e compreensão, o que não significa dizer que as questões apresentam somente em níveis simples, pois houve complexas também.

Para isso, foram selecionados quatro informantes que sustentam o teste piloto de uma pesquisa mais ampla, uma tese de doutorado. Para esse artigo, foram trazidos fragmentos de apenas 2 informantes. À medida que liam, eram questionados sobre algum fragmento do texto (significado de palavras e expressões, distinção entre fato e opinião), por meio do protocolo verbal, com o objetivo de verificar a compreensão do texto.

Os informantes da pesquisa frequentavam uma escola pública do município de São Sebastião, Alagoas. Estavam nos anos finais do ensino fundamental, com idade entre 12 e 15 anos. Destaca-se que eles tiveram acesso ao texto um dia antes das gravações, uma



vez que teriam de ler o miniconto em voz alta, o que pressupõe leitura prévia e uma relação de intimidade com o texto. A leitura em voz alta requer atenção maior que a leitura silenciosa, pois está sujeita a fatores intervenientes físicos e emocionais que podem dificultar a leitura e, conseqüentemente, a compreensão textual.

Com o *corpus* em mãos, passamos às seguintes etapas: a transcrição desse *corpus*, a verificação de elementos não verbais na leitura em voz alta e nos protocolos verbais, a análise desses elementos e a apresentação dos resultados. Os fragmentos escolhidos não foram aleatórios, porque havia a pretensão de verificar a contribuição dos elementos não verbais na leitura e no protocolo verbal para a compreensão do texto no leitor. Com isso, todas as etapas concorreram para o processo de verificação e análise das questões que norteiam o trabalho em tela.

COLETA E TRATAMENTO DADO AOS RESULTADOS

17

A coleta dos dados constituiu-se de gravações em vídeo e áudio das leituras em voz alta realizadas pelos informantes da pesquisa durante os protocolos verbais mediados pelo pesquisador. Os dados apresentaram elementos que contribuíram para a compreensão leitora do texto, a partir da mediação do pesquisador e conforme pontuaram os informantes quando questionados sobre a relevância da leitura silenciosa e da leitura em voz alta antes, durante e após a leitura do texto.

Presencialmente, a leitura em voz alta aconteceu sem a intervenção do pesquisador, uma vez que os informantes já tinham tido acesso ao texto um dia antes da coleta. Os protocolos verbais ocorreram numa interação face a face em turnos simétricos, com a presença de turnos assimétricos, principalmente nas falas do pesquisador. Nesses turnos, foram observados elementos paralinguísticos que serão analisados, a seguir, à luz das categorias dos elementos não verbais. Assim sendo, serão apresentados e analisados três fragmentos: o primeiro se refere à presença dos gestos na transmissão vocal; o segundo focaliza, sob o viés da estrutura da comunicação dos não verbais, os elementos paralinguísticos nos protocolos verbais e, no terceiro,

discute-se a importância dos protocolos verbais para a compreensão do texto.



Fragmento 1

Informante: o retorno do patinho feio ALfonso era o mais belo cisne do lago príncipe da:: de astúrias... ((balança a cabeça e movimenta o corpo)) todos os dias... ele contemplava sua imagem refletida nas águas daquele chiquérrimo e exclusivo condomínio para aves milionárias... mas Alfonso não se esquecia de sua origem humilde... pensar que... não faz muito tempo... eu era conhecido como o patinho feio... um dia... ele sentiu saudades da mãe dos irmãos e dos amiguinhos da escola... voou até a lagoa do quaquenhá... o pequeno e barrento local de sua infância

Fonte: *Corpus* da pesquisa, 2020.

No que se refere à leitura em voz alta, percebe-se que a voz corporifica o texto escrito e traz para o ouvinte aspectos sensoriais (audição e visualização dos espaços), emocionais (expectativas criadas pelo ouvinte sobre o destino de Alfonso) e racionais (momento de reflexão acerca da intertextualidade entre esse texto e o texto original "O Patinho Feio", ou sobre o sentimento de saudade, ou ainda temas como preconceito e discriminação ocasionados pelo texto). A leitura possibilita ainda que o ouvinte acesse suas experiências em relação ao texto, reflita a contradição que veste a personagem principal nos dois textos.

Para que uma leitura em voz alta faça sentido, sabe-se que é necessário haver expressividade. No fragmento, embora entendível, a leitura apresenta alguns elementos paralinguísticos, o que são comuns durante a emissão sonora da leitura, se consideradas a exploração visual do texto e a emissão vocal. A partir do contato visual, observa-se na leitura do informante muitas pausas (*astúrias...*, *dias...*, *milionárias...*, *humilde...*), provavelmente, sinalizando estratégias de leitura do trecho a seguir para que não houvesse erro de decodificação.

Além disso, a intensidade e/ou a entonação presente no início do nome "*ALfonso*" demonstra a ênfase dada, pelo informante, ao iniciar a leitura, o que não é observado ao longo do fragmento. Os gestos de movimentação corporal (cabeça e corpo) revelaram inquietação (não nervosismo) durante

a leitura, principalmente após ter se confundido, trocando "de" por "da", ao ler *príncipe da:: de astúrias...* ((*balança a cabeça e*



movimenta o corpo)). Convém pontuar que o informante não olhou para o pesquisador enquanto lia, demonstrando não ter domínio sobre o texto e deixando de usar o olhar e a gestualidade durante a comunicação.

Com isso, verificou-se que a leitura em voz alta poderia ter comunicado mais, poderia ter levado o leitor a movimentar-se mais e fornecido mais elementos paralinguísticos ao ouvinte para que a compreensão leitora fosse significativa. Além disso, as pausas podem provocar, no ouvinte, insatisfação e lentidão na compreensão do texto, quando a leitura não se apresenta fluente. As pausas não puseram o informante numa condição de mau leitor; contudo, foram entendidas como estratégias utilizadas por ele para ler fluentemente o trecho que se seguia após a pausa.

Fragmento 2

19

Pesquisador: ((enquanto falo, ele ri, coça a cabeça e gesticula com as mãos)) muito bem Eduardo você concluiu a leitura aí você reparou que algumas mudanças aconteceram na vida de Alfonso ao longo do texto... você observou isso?

Informante: ((gesto afirmativo com a cabeça))

Pesquisador: quais mudanças... foram?

Informante: ((sorrindo e contando as mudanças nos dedos)) antes ele morava num lugar chique... bonito depois disso... ele era lindo também... tinha tudo que ele queria... aí depois que ele foi pra esse lugar ele começou a morar num lugar feio né?

Pesquisador: que era o local dele de infân::cia

Informante: [é:]

Informante: quaquenhá... virou feio... ninguém queria queria não (sorrindo e movimentando o corpo) só só a pata né? queria ele e teve muita mudança nele

Fonte: *Corpus* da pesquisa, 2020.

No fragmento, o protocolo verbal forneceu, na interação face a face, a visualização de elementos não verbais que reforçaram o entendimento do texto, pois quando não houve a fala, houve o gesto, que desempenhava semelhante função na comunicação, sendo que, em outros eventos comunicativos, fala e gestos uniam-se com a mesma intenção e finalidade. Nesse sentido, o protocolo teve como função apresentar a percepção subjetiva do informante sobre a leitura, numa perspectiva de auto-observação, visto que o informante esboçou uma descrição das estratégias utilizadas por ele no processo de compreensão leitora. Essas estratégias foram de ordens linguística e paralinguística.



Ao considerar a categoria da paralinguagem, o informante apresentou pausas não preenchidas (*chique... bonito depois disso... ele era lindo também... tinha tudo que ele queria... ai*), assim como riso, tanto na fala dele quanto na fala do pesquisador (*((enquanto falo ele, ri, coça a cabeça e gesticula com as mãos))*). Em relação à cinésica, a transmissão das informações se deu por meio de (*((gesto afirmativo com a cabeça))*), ao confirmar que já tinha observado as mudanças na vida de Alfonso; por meio de (*((sorrindo e contando as mudanças nos dedos))*), reforçando o que falava, ou seja, os gestos com os dedos representavam o movimento de mudança na vida do cisne. Durante todo o protocolo, ele respondia às questões sorrindo, demonstrando satisfação diante do que fazia, o que pode ser entendido também como um gesto de cortesia. Com base nessa categoria, os gestos implicaram a significação do contexto, contribuindo para que o ouvinte pudesse ampliar suas estratégias de compreensão não só por meio da audição, mas também pela visão. Em termos de proxêmica, a distância se deu de maneira aproximada, com interação e contato visual próximos, aproximando pesquisador e informante.

Essas categorias não apenas complementam a fala, mas desempenham, muitas vezes e com bastante frequência, a função que a fala possui – comunicar. Para responder algo afirmativamente, não é necessário um sim falado, mas um gesto balançando a cabeça para cima e para baixo já comunica. Juntas, elas tornam a comunicação mais compreensível, sobretudo, quando se trata dessas categorias em protocolos verbais de leitura.

Fragmento 3

Pesquisador: é:: Luan mas aí eu vou te pergun/... fazer só mais uma pergunta que é a ques/... você teve acesso ao ao texto né? um dia antes teve acesso ao texto ontem você leu você compreendeu para você foi mais fácil compreender o texto... a partir da leitura que você fez silenciosa em casa ou a partir dessa leitura em voz alta e a partir dessa nossa interação?

Informante: a par/... pela leitura em voz alta ((bate com o dedo na folha)) pois você meio que me questionava então eu pensava ((gesto com os dedos como se estivesse



escrevendo)) então eu compreendia ((movimento circulatório com a mão)) o texto entendeu?

Pesquisador: a aí no caso há um engajamento uma interação a partir daquilo que eu ia colocando pra você como questões

Informante: certo ((balanço afirmativo com a cabeça))

Pesquisador: muito bem Luan

Fonte: *Corpus* da pesquisa, 2020.

21

Nesse caso específico, a discussão do fragmento é sobre a contribuição da leitura em voz alta na compreensão do texto lido. Observa-se que o informante é enfático ao afirmar que essa prática de leitura é melhor (*a par/... pela leitura em voz alta ((bate com o dedo na folha)) pois você meio que me questionava então eu pensava ((gesto com os dedos como se estivesse escrevendo)) então eu compreendia ((movimento circulatório com a mão)) o texto entendeu?*), já que o pesquisador o questionava e isso o fazia pensar e compreender melhor o texto. Ele concorda também que o engajamento e a interação são importantes nesse tipo de estratégia.

Os elementos não verbais também concorrem para a afirmação do informante quando (*bate com o dedo na folha*), como se quisesse dizer que aquela leitura, ou seja, a que acabou de fazer, confirmando-a. Em (*gesto com os dedos como se estivesse escrevendo*), é uma forma de dizer que o pensar pode ser oralizado e isso também serve para a escrita, pois muitas pessoas falam o que pensam antes de escrever. Além disso, o gesto (*balanço afirmativo com a cabeça*) confirma a fala do informante (*certo*), quando concorda com o pesquisador sobre o engajamento e a interação que a leitura em voz alta propicia a ele a compreensão do texto lido.

De modo geral, os elementos não verbais nos protocolos, a partir da leitura em voz alta, conduziram o leitor a compreender melhor o texto, assim como permitiram um entendimento significativo ao ouvinte na comunicação face a face. Nesse sentido, a mediação opera no plano da oralidade como um procedimento necessário para o desenvolvimento de atividades de leitura e de oralidade em sala de aula.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a leitura uma atividade reveladora das informações contidas no texto, analisá-las pressupõe a intervenção de procedimentos que permitem ao leitor e ao seu ouvinte o engajamento e a interação necessários à construção do conhecimento de sentidos do texto. À vista disso, os protocolos verbais subsidiaram significativamente as atividades mediadas pelo pesquisador durante a leitura em voz alta realizada pelos informantes (alunos). Para eles, a mediação ajudou a pensar e compreender o texto.

Ainda nesse procedimento, foi observado que os informantes apresentaram, enquanto respondiam às questões acerca do texto, elementos não verbais da comunicação em duas categorias, as quais apresentaram gestos faciais, corporais e outras condições como as pausas.

Nessa perspectiva, este texto sinaliza considerações relevantes para o desenvolvimento de atividades em sala de aula que atentem para os estudos dos elementos não verbais e sua função na interação face a face, que se fazem presentes nos protocolos verbais, de modo, ainda, a ampliar a compreensão na leitura em voz alta. Posto isso, essa prática de leitura pressupõe uma leitura lenta, uma vez que o leitor concentra grande parte da atenção na decodificação das palavras, mesmo as tendo automatizadas.

22

Referências

BAJARD, É. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2014a.

_____. *Da escuta de textos à leitura*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014b.

DIAS, F. G. R. *Processamento estratégico e compreensão de leitura em inglês entre mestrandos da área de saúde*. 2013. 159 f. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2013.

FERREIRO, W. de M. Aquisição de linguagem e construção do sentido: um olhar sobre os movimentos discursivos e gestuais. 1º ENEAL – *Anais I Encontro Nordestino de Aquisição de Linguagem*, 2005. Disponível em: <



http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/Textos_Em_Psicolin/Artigos/Aquisi%C3%A7%C3%A3o%20da%20linguagem%20e%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20sentido.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020.

KNAPP, M. L.; HALL, J. A. *Comunicação não-verbal na interação humana*. São Paulo: JSN, 1999.

LEFFA, W. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

MAGALHÃES, R.; MACHADO, V. R. Leitura e interação no enquadre de protocolos verbais. In: BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.) et al. *Leitura e mediação pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 45-64.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. São Paulo: DP&A, 2008.

OLIVEIRA, C. L. *Práticas linguístico-não verbais no discurso interativo de sala de aula*. 2012. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, 2012.

OLIVEIRA, M. A. A.; ARAÚJO, A. K. G. Leitura em voz alta e discussões orais: estratégias de ensino nas aulas de língua portuguesa. *Ensino em Re-Vista*, v. 26, n. 3, p. 763-785, set./dez., 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/50984>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. *Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*, Petrópolis: Vozes, 1985.

SANTOS, M. F. O. A importância dos elementos não-verbais e verbais nos estudos interativos do discurso em sala de aula. In: SANTOS, M. F. O. *A interação em sala de aula*. Recife: Bagaço, 2004, p. 29-40.

SILVA, E. L.; MORAIS, M. de F. S.; SILVEIRA, M. I. M. Protocolo de leitura como instrumento de diagnóstico, avaliação e remediação da compreensão leitora nos anos iniciais, 2016. *Anais da XIV Sip – Semana Internacional de Pedagogia*, Maceió, 2016.

TOMITCH, L. M. B. Desvelando o processo de compreensão leitora: protocolos verbais na pesquisa em leitura. In: **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, dez, 2007, p. 42-53.

ZUMTHOR, P. *Escritura e nomadismo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

Recebido em 24 de setembro de 2020.

Aprovado em 30 dezembro de 2020.



READING ALOUD AND VERBAL PROTOCOLS: AN ANALYSIS OF NON-VERBAL ELEMENTS IN THE CLASSROOM CONTEXT

Abstract: In this article the effects of verbal protocols of reading aloud in association with non-verbal elements are discussed under the bias of paralinguistic, kinesics and proxemics categories, which contribute to reading comprehension. Thereby, we seek to verify to what extent non-verbal elements and verbal protocols contribute to the understanding of reading aloud. Thus, the work dialogues with Cognition (reading processing), Textual Linguistics (formulation of questions about the text) and Conversation Analysis (non-verbal elements), in theoretical terms and, consequently, provide subsidies for the analysis of selected fragments. Methodologically, the research is of qualitative nature, since it emphasizes the processing of the collected data, through recording. The results showed that verbal protocols in association with non-verbal elements were essential for understanding the text, as the questions directed the informants to think about text, while facial and body gestures and expressions allowed the researcher to observe possible difficulties or contradictions in speeches of the informants.

Keywords: Non-verbal elements; Reading aloud; Reading protocols.